



SATRAPI, M. BORDADOS. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2010.

**Rony Petterson Gomes do Vale
(Universidade Federal de Viçosa – UFV)**

**Vitória de Paula Almeida
(Universidade Federal de Viçosa – UFV)**

O casamento para uma mulher é como uma loteria:
ela tem sempre certeza de que vai perder alguma coisa.
Anônimo¹

O sexo é uma mercadoria como outra qualquer.
E como os homens dele precisam muito mais do que as mulheres,
uma mulher deve aproveitar-se desta circunstância.
Helen Grace²

O livro *“Bordados”*, da autora Marjane Strapi, apresenta uma narrativa em forma de quadrinhos que aborda a temática da sexualidade feminina e do casamento na cultura iraniana. Na primeira parte da obra, é destacado que, após as refeições do almoço e do jantar, somente as mulheres se reúnem em torno do samovar - bule tradicional iraniano - para conversar e tomar chá. Durante esses encontros, as personagens femininas compartilham entre si suas experiências amorosas e sexuais, além de relatarem histórias envolvendo amigas. No decorrer da história em quadrinhos, as personagens abordam de maneira franca suas vivências, discutindo abertamente sobre o casamento e suas experiências sexuais, oferecendo diversas perspectivas sobre o tema.

Esta obra aborda um tema considerado tabu para as mulheres: suas vidas sexuais. Isso é especialmente relevante em uma cultura conservadora como a iraniana, onde a religião exerce forte influência. A autora trata de assuntos contemporâneos, porém

¹ In: Macucci (1985, p. 54 - verbete “casamento”)

² In: Masucci (1958, p.225 - verbete “sexo”).

delicados, pois ainda são considerados tabus em algumas sociedades que requerem maior discussão. Alguns pontos se destacam no livro: a) O uso de uma linguagem franca pelas mulheres retratadas na história em quadrinhos; b) A repressão da sexualidade feminina, típica de uma sociedade tradicional onde questões de ordem sexual não são mensuradas; c) A submissão social imposta pelo casamento, que é evidenciado ao longo da narrativa.

Um aspecto relevante que se destaca é a linguagem utilizada pelas personagens femininas. No livro, elas se reúnem na sala da matriarca da família, a avó de Marji, para compartilharem experiências de vida próprias e de algumas amigas. Durante essas conversas, as personagens empregam uma linguagem bastante informal, incluindo palavrões e termos obscenos. Essa forma de expressão não é comum para mulheres nessa sociedade e dessa religião, a qual elas são frequentemente oprimidas e não tem a liberdade de se expressar livremente (MORENO, 2022). Nesse sentido, como aponta Koch:

[...] toda atividade linguística seria composta por: um enunciado, produzido com uma dada intenção (propósito), sob certas condições necessárias para o atingimento do objetivo visado e as consequências decorrentes da realização do objetivo (Koch, 2010, p.23).

A partir dessa citação, pode-se refletir acerca do contraste entre a linguagem utilizada pelas personagens e os costumes da cultura retratada. Por exemplo, quando a personagem Parvin relata sobre a experiência com homens europeus, sua amiga pergunta se ela sente repulsa pelo prepúcio dos homens, e Parvin responde de forma explícita: “Acho que, em geral, nenhum pau é lá muito fotogênico” (Satrapi, 2010, p. 37). Da mesma forma, quando a mãe de Marji, Tadj, pede para ela contar a história da sua amiga Shideh, ela aconselha sem rodeios “Sem fazer cu-doce minha filha!” (Satrapi, 2010, p.55). Essa linguagem franca e direta é atípica, especialmente em sociedades conservadoras: o esperado é que mulheres mantenham uma postura mais reservada, principalmente no falar, ou seja:

Há certas coerções sociais que, em certas circunstâncias, impedem ou tendem a impedir a utilização de certas palavras; esses *tabus linguísticos* são caracterizados pelo fato de que a palavra existe realmente, mas não pode ser usada [...]. Na cultura das comunidades dos países desenvolvidos, existem também palavras tabus (tabus sexuais, religiosos e políticos): a transgressão dos tabus comporta, conseqüentemente, a

rejeição do falante pelo grupo social ou, pelo menos, a depreciação então ligada a seu comportamento. (DUBOIS et al, 2014. p.542 - grifos do autor)

A ocorrência de tais comportamentos transgressivos e, conseqüentemente, as coerções e sanções concernidos a eles, acreditamos, não somente se aplicam a países desenvolvidos, como afirmam Dubois et al; mas também a países com cultura altamente conservadores, como os de cultura islâmica. Dessa forma, a linguagem reflete o contexto social em que o indivíduo está inserido e carrega consigo as marcas ideológicas e sociais de uma determinada cultura. Nesse sentido, nessa sociedade o comportamento feminino é contido, por exemplo, a obrigação de cobrir o corpo usando um véu³. Ao contrastar a linguagem vulgar utilizada pelas personagens com os costumes conservadores da comunidade retratada, Satrapi faz uma crítica à repressão das mulheres em um ambiente patriarcal.

O segundo aspecto digno de nota, mesmo sendo uma obra de narrativa ficcional, é a repressão da sexualidade feminina em alguns países⁴. Em outra parte do livro, uma personagem integrante do círculo de mulheres revela que nunca viu nem tocou em um órgão masculino, apesar de ter quatro filhos, declarando: "É verdade que gerei 4 crianças. Quatro!! mas nunca vi, mesmo, um órgão masculino. Ele entrava no quarto, apagava a luz e depois fuc! fuc! fuc! e pronto eu ficava grávida!" (Satrapi, 2010, p.24). Esse trecho incita a reflexão sobre as experiências sexuais dessa personagem, que, embora fictícia, reflete a realidade de muitas mulheres. Conforme Millett:

Escusado será dizer que quaisquer que sejam as possibilidades biológicas para o sexo, a mulher, como ser humano, é tão capaz de as sublimar como o homem. E como membro de uma sociedade, a sua actividade está submetida às restrições sociais. E tanto assim que as condições impostas pela sociedade patriarcal afectaram tão drasticamente a sexualidade feminina que a sua natureza foi mal interpretada e durante muito tempo desconhecida. Isto é uma prova irrefutável da influência da cultura sobre a psicologia. (Millett, 1970, p.89)

³ **Como vivem as mulheres no Irã, país em que "valem metade" de um homem.** BBC News, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-63429830> Acesso em: 20 jan. 2024.

⁴ **O Islã não temia o sexo. Agora, tem medo das mulheres.** Instituto Humanitas Unisinos, 2016. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/185-noticias-2016/555056-o-islã-nao-temia-o-sexo-agora-tem-medo-das-mulheres-artigo-de-leila-slimani> Acesso em: 20 jan. 2024.

Em *Bordados*, as personagens femininas provêm do Irã, um país no qual a cultura é marcada pelo conservadorismo, principalmente em relação ao comportamento das mulheres. Além disso, a religião exerce forte influência nas leis e nas regras sociais⁵. Devido às rigorosas normas religiosas, as mulheres seguem costumes patriarcais e machistas que controlam a sua expressão. Em uma parte da história, por exemplo, a personagem Azzi desabafa com as outras mulheres, que o seu marido deixou-a após primeira noite de núpcias. Ela chora ao pensar que ninguém mais a aceitará em casamento por ser divorciada e não mais virgem. A matriarca da família sugere que, se a virgindade é tão crucial para ela, poderia considerar uma cirurgia de reconstrução do hímen, o que ela chama de “bordado”. Embora seja ficcional, essa situação da virgindade⁶ é um tema que para muitas mulheres é um tabu. Isso evidencia a pressão social para que se casem virgens, já que isso é considerado um sinal de honra, como se ter uma vida sexual antes do casamento determinasse o caráter da mulher. Assim, muitas mulheres ainda vivem sob influência de culturas e religiões que, devido aos seus princípios sociais, limitam e oprimem a sua sexualidade⁷.

Um terceiro ponto relevante abordado nessa história em quadrinhos é a imposição da submissão social do casamento às mulheres. Um exemplo é o que acontece com a personagem Parvin. Ela compartilha a história do seu primeiro casamento que foi arranjado pela sua família, devido ao seu pertencimento à aristocracia. Ela foi prometida em casamento a um general do exército de 69 anos quando tinha apenas treze anos. Ainda que ficcional, essa narrativa reflete aspectos de um contexto real para algumas mulheres. Nesse sentido, esse tipo de situação explora o casamento como uma forma de predestinação:

Em certos meios burgueses ainda se deixa a moça na incapacidade de ganhar a vida; ela só pode vegetar como um parasita no lar paterno ou aceitar uma posição subalterna em algum lar estranho. Mesmo nos casos

⁵ **Como funciona a complexa estrutura de poder no Irã.** BBC News, 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51048426> Acesso em: 20 jan. 2024.

⁶ **Sou um ser humano e não um hímen: mulheres relatam como noite de núpcias arruinaram seus casamentos.** BBC News, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/yvzcf8ks> . Acesso em: 20 jan. de 2024.

⁷ **Irã propõe leis que reduzem as mulheres a “máquinas de procriar” na tentativa de aumentar a população.** Anistia Internacional. Disponível em: <https://www.anistia.org.br/informe/ira-ropoe-leis-que-reduzem-mulheres-maquinas-de-procriar-na-tentativa-de-aumentar-populacao/> Acesso em: 20 jan. 2024.

em que ela é mais emancipada, o privilégio econômico detido pelos homens incita-a a preferir o casamento a um ofício: ela procurará um marido de situação superior à sua própria, esperando que êle "vença" mais depressa, vá mais longe do que ela seria capaz. (Beauvoir, 1967, p.170)

Como apresentado em *Bordados*, a cultura iraniana ainda mantém esses costumes relacionados ao casamento (LIBÓRIO, 2004). A personagem Parvaneh, por exemplo, se mostra contente com o casamento de sua filha de dezoito anos com um homem de quarenta e um anos, simplesmente por ele ser multimilionário. Um discurso patriarcal que toma o casamento no seu aspecto de acerto de interesses e que foca mais a mulher jovem do que o homem:

Hoje o casamento conserva em grande parte esse aspecto tradicional. E, antes de tudo, impõe-se muito mais imperiosamente à jovem do que ao jovem. Há ainda importantes camadas sociais em que nenhuma outra perspectiva se propõe a ela. (Beauvoir, 1967, p.170)

Dentro de certas comunidades, o casamento é altamente valorizado, especialmente para as mulheres, sendo considerado parte fundamental de sua vida e identidade. Aquelas que não seguem esse caminho são muitas vezes vistas de forma desfavorável e como estando fora do contexto social da comunidade. Nesse sentido, o casamento se torna uma conformidade social para algumas mulheres em determinados contextos.

Em *Bordados*, de Marjane Satrapi, essas questões delicadas refletem a realidade de alguns países ao redor do mundo. Ao trazer à tona temas como sexualidade e casamento no universo feminino, a obra destaca assuntos de extrema relevância que merecem uma atenção mais ampla, especialmente considerando que ainda são cerceados por tabus e censura. Isso demonstra que o pensamento machista e patriarcal continua a persistir em nossa sociedade.

Referências

BEAUVOIR, S. A mulher casada. In: BEAUVOIR, S. O segundo sexo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. p. 165- 247

DUBOIS, J. et. al. Dicionário de linguística. São Paulo: Cultrix, 2014.

KOCH, I. G. V. *Linguagem e ação*. In: KOCH, I. G. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 11- 28

LIBÓRIO, L. A constituição da família no Islamismo e no Catolicismo na Indonésia. *Revista de teologia e ciências da religião*, 2004. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7580/7580.PDF> Acesso em: 20 jan. 2024.

MASUCCI, F. *Dicionário humorístico*. São Paulo: Editora Leia, 1958.

MILLETT, K. III - Digressão sobre a vida sexual. In: MILLETT, K. *Politica sexual*. Nova Iorque: Doubleday & Company, 1970. p. 9- 143.

MORENO, T. *Mulheres iranianas: nas ruas, na sociedade, na vida*. Capire, 2022. Disponível em: <https://capiremov.org/entrevista/mulheres-iranianas-nas-ruas-na-sociedade-na-vida/> Acesso em: 20 jan. 2024.